

Software Livre em Instituições de Ensino Superior

Keoma Abreu Cavalcante
Marcelo Augusto Andrade Penna
Matheus Antunes Pacheco
Ramon Santos Corrêa
Stephano Fernandes Francisco

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre a adoção de tecnologias livres em Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil e como estas instituições podem incentivar a cultura do software livre (SL) em seu ambiente de ensino, pesquisa, extensão e administração. Para isso, serão apresentadas as perspectivas atuais de algumas universidades brasileiras em relação ao software livre, as experiências bem sucedidas e também as dificuldades enfrentadas que já agregam a cultura do software livre.

Palavras-chave: Software livre, universidade, IES.

1. Introdução

O SL é uma modalidade de programa no qual o usuário tem total controle sobre o mesmo. Esse controle não se restringe somente ao uso básico do software, mas também à sua adaptação e ao processamento de dados de acordo com a necessidade do usuário.

Diante dessa liberdade, o SL tem se mostrado bem apropriado nas IES do Brasil, pois conhecimento e tecnologia são desenvolvidos nestes lugares e muitas vezes é necessário o uso de ferramentas computacionais específicas tanto nos projetos de pesquisas quanto nas aulas.

Outro ponto a ressaltar sobre o SL é a cooperação. Desenvolvedores que utilizam essa modalidade de software estão o tempo todo colaborando entre si para que haja uma melhoria contínua. Isso se encaixa mais uma vez na cultura universitária, onde o conhecimento, sem dúvida alguma, é mais bem construído por meio de cooperação e parcerias.

2. Adoção do SL em IES brasileiras

Mais da metade das universidades brasileiras desenvolvem e recomendam o SL, segundo o relatório sobre o desenvolvimento tecnológico das IES do país feito pela Escola do Futuro da Universidade de São Paulo (USP). Segundo a pesquisadora Daisy Grisolia, 52% das instituições brasileiras recomendam uso de SL para uso de trabalhos dos alunos e 66% delas já recomendam o seu uso para serviços administrativos e para fins de pesquisa.

A USP foi a pioneira na adoção de SL com a instalação de um GNU / Linux em suas instalações. A cultura do SL na USP fez com que vários projetos criados fossem liberados sob licenças livres nos anos seguintes. A decisão de adotar o SL na universidade foi voluntária e ocorreu em larga escala em computadores que operam como servidores. Há várias iniciativas em diversas unidades, mas sem uma política corporativa em relação ao SL.

A utilização do SL na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) está concentrada nos setores intimamente ligados à tecnologia da informação, como a Coordenadoria de Tecnologia da Informação (COTEC) e a Assessoria de Comunicação (ASCOM).

Enquanto a utilização do SL na UFRB está ilhado, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) há um Movimento do Software Livre da UERJ – Linuerj, que surgiu a partir de 2000, para o uso de tecnologia social sustentada por SL, através de iniciativas junto aos alunos, professores e servidores técnico-administrativos, visando à capacitação e ao desenvolvimento tecnológico. O Linuerj não se limitou à comunidade UERJ, mas, em sua visão plural, à comunidade interessada em SL.

Acompanhando a UFRB, a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) muitas iniciativas são realizadas em relação ao SL, como semanas de SL, comunidades de SL, divulgação do sistema operacional (SO) Linux, disciplinas para os alunos nos quais o tema é debatido e também a iniciativa em que parcela significativa dos produtos de software gerados a partir de pesquisas científicas na universidade é disponibilizada como SL.

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) está adotando ações pontuais em relação ao SL, contrariando a tendência das universidades UFRB e UERJ. Algumas dessas ações que podemos citar são a criação do PSPP (substituto gratuito do SPSS), para auxiliar a elaboração de análises estatísticas de matrizes de dados, e do INSANE, que visa à apropriação dos modernos recursos de

desenvolvimento de software em favor da pesquisa e do ensino, através da implementação de aplicações segmentadas e amigáveis.

3. Experiências bem sucedidas e dificuldades encontradas na adoção do SL

Apesar da mobilização de alguns docentes, o uso de SL no meio acadêmico é sofrível e relativamente pequeno. Em grandes instituições que oferecem cursos tecnológicos, não é difícil encontrar um laboratório de informática equipado, por exemplo, com SO Windows; o que pode ser considerado irônico uma vez que o SL nasceu na universidade.

O sucesso do processo de adoção do SL na USP pode ser interpretado como indicativo da utilidade dos modelos de desenvolvimento de software adotados para orientar as ações gerenciais, que consistiram em treinamento, suporte e criação de comunidade de prática. Entretanto, uma das grandes dificuldades que a USP enfrenta é que ela não possui uma política corporativa em relação ao SL.

Um dos problemas encontrados na UFRB, comum em algumas universidades, é que não há determinação formalizada favorável à utilização de SL. Ações isoladas são encontradas em diversas áreas da universidade, mas sem grande difusão dentro da comunidade acadêmica. Ainda que as ações sejam notadamente incipientes, há grande utilização de SL na estrutura administrativa da organização.

O Linuerj da UERJ, além de disseminar o uso de SL, obteve grandes resultados: desenvolvimento de conceitos de ética e solidariedade pelo uso colaborativo do SL, disponibilidade de recursos tecnológicos a baixo custo para inclusão digital e apropriação social de conhecimentos tecnológicos e de metodologias voltados para a solução de problemas reais.

A UFMA passou por algumas dificuldades no desenvolvimento e divulgação de SL, como a desativação da comunidade ComLinux em 2003, porém está cada vez mais empenhada em incentivar não só a utilização do Linux, mas de todo e qualquer SL, divulgar projetos de SL existentes no Maranhão e amparar o desenvolvimento de novos projetos de SL, principalmente no meio acadêmico.

Na UFMG, apesar de a maior parte dos softwares utilizados no meio acadêmico serem proprietários, há uma crescente divulgação e apoio ao desenvolvimento de SL por parte de docentes e orientadores; um exemplo disso é que em laboratórios de informática os alunos podem utilizar SO livres e gratuitos, assim como softwares para resolver problemas diversos.

O Brasil está progredindo muito no desenvolvimento e na adoção do SL. Há várias universidades empenhadas e muitos ambientes amigáveis em IES, mas relativamente poucos desenvolvedores e incentivos ao desenvolvimento de SL.

4. Conclusão

Apesar do SL se encaixar perfeitamente no meio educacional, há ainda um longo caminho a se percorrer para que ele possa ocupar um espaço maior nas IES do Brasil.

Como pôde ser visto, várias iniciativas têm sido tomadas para promover a disseminação do SL. Isso já é um grande começo, pois dissemina a existência desse tipo de software que muitas pessoas desconhecem, inclusive, algumas delas até utilizam SL sem saber.

Após conhecer o SL e os benefícios que este tem a oferecer, o usuário pode sempre considerar o seu uso em projetos e aplicações futuras, o que vai contribuir para o seu crescimento. E é isso que têm sido feito. O conceito de SL é novo, dos meados da década de 80, e ainda carece de divulgação e incentivo, porém, a quantidade de SL que temos disponível hoje em dia é muito maior se compararmos há alguns anos atrás, e tende a aumentar se o empenho de tantas IES engajadas nesta missão se mantiver firme.

5. Referências bibliográficas

Masiero, Paulo. *Software Livre na USP*. Disponível em: <www.ufscar.br/solies/softwarelivrenausp.pdf>. Acesso em: 13 maio 2013.

Revista Digital ADVIR Nº 29. Disponível em: <www.asduerj.org.br/publica/revista/imagens/ADVIR29.pdf>. Acesso em: 15 maio 2013.

Silva, Francisco José da Silva e. *Desenvolvimento de Software Livre na UFMA*. Disponível em: <http://www.deinf.ufma.br/~fssilva/palestras/2005/Imperatriz_software_livre_ufma_2005.pdf>. Acesso em: 17 maio 2013.

SIMON, Imre. *O Software Livre precisa de incentivos? Aonde? De que tipo? Como proceder?* Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~is/aula/incentivos/incentivos.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2013.